

Competências socioemocionais na educação especial: promovendo a educação emocional

Adriane Vidal Vaz¹ 

Prefeitura do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise exploratória sobre as competências socioemocionais no ambiente escolar, junto a alunos com necessidades especiais, identificando contribuições para o processo de aprendizagem. A capacidade de integrar recursos socioemocionais e cognitivos permite aos indivíduos avaliar e utilizar a habilidade mais adequada para cada situação. As habilidades socioemocionais estão relacionadas ao ajustamento social e emocional dos indivíduos, contribuindo para o prazer e bem-estar ao longo da vida. Este estudo pretende incentivar educadores a implementar a aprendizagem socioemocional nas escolas, destacando sua importância para a vida em sociedade. Alunos com necessidades especiais enfrentam preconceito e exclusão e, aprender a lidar com emoções pode aumentar as possibilidades de superação. Inserir a Educação Emocional no currículo escolar inclui aspectos afetivos e emocionais essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos. As conclusões iniciais indicam que a Educação Emocional pode ajudar na regulação emocional e na superação de barreiras sociais.

Palavras-chave: Educação especial. Ajustamento emocional. Educação socioemocional. Autorregulação emocional.

Socio-emotional skills in special education: promoting emotional education

Abstract

This article aims to conduct an exploratory analysis of socio-emotional skills in the school environment, with students with special needs, identifying contributions to the learning process. The ability to integrate socio-emotional and cognitive resources allows individuals to assess and use the most appropriate skill for each situation. Socio-emotional skills are related to the social and emotional adjustment of individuals, contributing to pleasure and well-being throughout life. This study aims to encourage educators to implement socio-emotional learning in schools, highlighting its importance for life in society. Students with special needs face prejudice and exclusion, and learning to deal with emotions can increase the possibilities of overcoming them. Including Emotional Education in the school curriculum includes affective and emotional aspects that are essential for the integral development of students. Initial conclusions indicate that Emotional Education can help in emotional regulation and in overcoming social barriers.

Keywords: Special education. Emotional adjustment. Socio-emotional education. Emotional self-regulation.

1 Introdução

2

A educação especial tem como premissa a inclusão de alunos com necessidades especiais no ambiente escolar, buscando proporcionar um desenvolvimento integral que vá além das habilidades cognitivas e acadêmicas. As competências socioemocionais emergem como um componente essencial nesse processo, favorecendo não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o bem-estar emocional e social dos alunos. Competências como autorregulação, empatia, cooperação e resiliência, são fundamentais tanto para o desenvolvimento de habilidades de convivência como para a vida em sociedade.

Este estudo se propõe a investigar como as competências socioemocionais podem ser desenvolvidas no contexto da educação especial, promovendo uma educação emocional que valorize as necessidades específicas dos alunos. Através de uma abordagem que integra aspectos emocionais, sociais e comportamentais, tendo como objetivo geral realizar uma análise exploratória dos estudos sobre competências socioemocionais no ambiente escolar para alunos com necessidades especiais e examinar as possibilidades de implementação nas escolas, destacando os benefícios no desempenho acadêmico.

E ainda, descreve os seguintes objetivos específicos: investigar as principais competências socioemocionais desenvolvidas em alunos com necessidades especiais no contexto escolar; avaliar as estratégias de implementação de programas de competências socioemocionais em escolas voltadas para alunos com necessidades especiais, analisar o impacto das competências socioemocionais no desempenho acadêmico desses alunos, relacionando os ganhos ao desenvolvimento integral.

Nas últimas décadas, o conceito de competências socioemocionais ganhou relevância no campo da educação, especialmente na educação inclusiva, uma vez que alunos com necessidades especiais podem apresentar desafios emocionais e comportamentais que exigem maior atenção. Em um cenário educacional que

valoriza a inclusão e a diversidade, a necessidade de desenvolver habilidades emocionais e sociais torna-se uma estratégia fundamental para facilitar a aprendizagem e promover um ambiente mais acolhedor e inclusivo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em vigor no Brasil, reforça a importância de integrar essas competências no currículo escolar. No entanto, para que essa integração seja efetiva em ambientes de educação especial, é preciso adaptar as metodologias e considerar as especificidades de cada estudante. A promoção da educação emocional nesse contexto é essencial para apoiar o desenvolvimento holístico de alunos com necessidades especiais, permitindo que superem barreiras emocionais e alcancem seu potencial acadêmico.

O problema dessa pesquisa reside na lacuna existente quanto à efetividade da implementação de competências socioemocionais no contexto da educação especial.

Mais especificamente, a pesquisa busca responder à seguinte questão: Como as competências socioemocionais podem ser adequadamente implementadas na educação especial, e de que forma sua promoção influencia o desempenho acadêmico e o desenvolvimento integral dos alunos com necessidades especiais?

Essa questão revela desafios relacionados à adaptação dos programas educacionais ao público-alvo, à capacitação de professores para trabalhar essas competências e à avaliação dos impactos dessas práticas no ambiente escolar e no progresso dos estudantes.

Como afirmam Barreto e Silva, “o homem constrói ideias e é capaz de se comunicar através da simbologia da fala e da escrita. Esta capacidade de pensar está ligada diretamente à emoção” (Barreto; Silva, 2010, p. 2). Segundo Vygotsky, “para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras, mas também seu pensamento e suas motivações” (Vygotsky, 1896-1934). Piaget destacou que “o principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram” (Piaget, 1896-1980). Wallon observou que “a experiência não é mais do que uma sucessão de situações a que o sujeito reage” (Wallon, 1879-1962).

Freud notou que “as emoções não expressas nunca morrem... Elas são enterradas vivas e saem de piores formas mais tarde” (Freud, 1856-1939). Por fim, Beck destaca que “as emoções influenciam a forma como processamos informações e tomamos decisões. As emoções negativas, em particular, podem distorcer o pensamento, resultando em dificuldades de aprendizagem” (Beck, 1995). Trata-se de um entendimento importante para a implementação de programas de educação socioemocional nas escolas que possibilitem a melhora do desempenho acadêmico dos alunos. Ao entender e regular as emoções, os educadores podem criar ambientes de aprendizagem mais eficazes e inclusivos.

Todas as citações acima destacam a importância de uma abordagem educativa que vá além da simples repetição de conhecimentos, reconhecendo a influência das experiências e das emoções no desenvolvimento humano. Dessa forma, neste estudo serão abordados os conceitos de Educação Socioemocional e Inteligência Emocional, e a relação entre ambos no desenvolvimento socioemocional.

Como afirmam Marin et al. (2017), a conscientização das emoções possibilita o desenvolvimento de competências socioemocionais fundamentais para a construção da identidade, particularmente importante para pessoas com necessidades especiais, que devem se reconhecer como sujeitos de direitos e valor, a fim de alcançar uma vida mais saudável. Nesse contexto, a habilidade socioemocional refere-se à qualidade do desenvolvimento e ajustamento social e emocional, contribuindo para o prazer e bem-estar ao longo da vida.

Além disso, competência socioemocional envolve a capacidade de integrar recursos, conhecimentos e habilidades socioemocionais e cognitivas socialmente construídas, avaliando e identificando a habilidade mais adequada para cada situação, e colocando em prática atitudes e aprendizados socioemocionais.

De acordo com Marin et al. (2017), os principais conceitos de competência socioemocional incluem aprendizagem socioemocional, competência social, competência emocional, habilidades sociais, habilidades socioemocionais, habilidades não-cognitivas e regulação emocional. Este estudo abordará os conceitos de inteligência, habilidades e competências.

Para os autores, as habilidades não-cognitivas englobam atitudes, traços de personalidade, qualidades emocionais e sociais. Essas habilidades estão associadas ao desenvolvimento e ajuste social de crianças e adolescentes, contribuindo para a percepção de bem-estar ao longo da vida. Compreender a competência socioemocional requer entender a inteligência emocional, inicialmente avaliada por instrumentos como o quociente intelectual (QI), que mede a capacidade de processar informações e raciocinar abstratamente.

5

Veenema e Gardner (1996) associam o conceito de inteligência à capacidade de resolver problemas, permitindo que o indivíduo receba e modifique informações com base na compreensão de si mesmo e dos outros. Assim, valorizar as emoções é fundamental para melhorar a tomada de decisões. Salovey e Mayer (1990) definem inteligência emocional (IE) como a capacidade de vincular emoção à inteligência para resolver problemas, unificando emoções e funções cognitivas. Isso facilita a regulação emocional, a inibição de impulsos, a motivação, o desenvolvimento da empatia e da esperança.

Conforme Marin *et al.* (2017), a IE está relacionada às habilidades sociais, que permitem comportamentos adequados em diversas situações, expressão de sentimentos, opiniões e desejos, solução de problemas imediatos e minimização de problemas futuros. Exemplos de habilidades sociais incluem autocontrole, empatia, assertividade, solução de problemas interpessoais e habilidades acadêmicas, como conversações, falar em público, expressar amor e afeto, pedir favores e enfrentar críticas. As habilidades socioemocionais desenvolvem-se através das relações interpessoais e afetivas, adaptando-se às interações sociais.

Desenvolvimento socioemocional refere-se ao aprimoramento das habilidades e competências socioemocionais. O desenvolvimento dessas habilidades pode ser entendido como:

[...] conceitos de inteligência interpessoal, inteligência emocional, competência social, habilidades sociais etc. que vêm sendo utilizados com muita liberdade, referindo-se à capacidade de articular sentimentos, pensamentos e comportamentos em padrões sociais adequados de desempenho em diferentes situações e demandas interpessoais (Del Prette; Del Prette 2003, p. 92).

O desenvolvimento socioemocional pode ser entendido como o aprendizado social combinado com emoções, que resultam em pensamentos e ações. Refere-se aos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, envolvendo sentimentos e emoções. De acordo com Marin *et al.* (2017), o sistema familiar influencia o desenvolvimento do indivíduo, e à medida que a criança cresce, novas experiências socioemocionais e cognitivas são adquiridas. Da mesma forma, o sistema escolar é responsável por promover o desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes, contribuindo para o aprimoramento dessas habilidades. A relação com o professor pode fornecer apoio emocional, facilitando o desenvolvimento da competência socioemocional. Portanto, é necessário desenvolver programas de intervenção que estimulem habilidades socioemocionais por meio de atividades escolares, envolvendo a família, os professores ou exclusivamente a criança.

2 Metodologia

Para a realização do estudo utilizou-se coleta de dados, de natureza básica e exploratória, caracterizada como uma revisão bibliográfica (Gil, 2008). A fim de obter e validar informações foram compilados artigos pertinentes às competências socioemocionais na Educação Especial. O autor citado é conhecido por suas obras que discutem metodologias científicas, especialmente relacionadas à pesquisa social e educacional. Nesse contexto, a referência se refere ao livro "*Métodos e técnicas de pesquisa social*" de Antonio Carlos Gil, que oferece uma abordagem detalhada sobre como conduzir revisões bibliográficas.

Adotou-se a pesquisa bibliográfica, além do método dialético, conforme Silva (2006), por permitir uma análise abrangente do reconhecimento das emoções junto a alunos com necessidades especiais, considerando as contradições desse fenômeno social. Isso envolve atenção às dificuldades enfrentadas por professores e familiares, como eles reagem e identificam os problemas a serem discutidos, e suas atitudes em relação ao uso de recursos socioemocionais na construção do aprendizado escolar.

Silva (2006) foi utilizado como base teórica para justificar o método que possibilita uma análise abrangente e crítica. Este autor é frequentemente associado a abordagens filosóficas e metodológicas na pesquisa social, e a obra citada "*Pesquisa Dialética em Educação*" de Tomaz Tadeu da Silva, discute como o método dialético pode ser aplicado na análise de fenômenos sociais. Essa obra é frequentemente utilizada em discussões sobre o currículo, identidades e métodos de análise crítica na educação, o que pode se alinhar com a menção ao método dialético no contexto da educação especial e competências socioemocionais.

A análise do conteúdo encontrado foi delimitada a temática emoções e aprendizagem, com maior importância aos artigos que descreviam emoções e aprendizagem nas escolas, principalmente em relação aos possíveis impactos sobre a aprendizagem dos estudantes.

O artigo foi elaborado com base em uma pesquisa explicativa de abordagem qualitativa. As informações foram coletadas em plataformas digitais, como Google Acadêmico, Scielo, Biblioteca Virtual, além de teses, dissertações e livros digitais. Os descritores utilizados foram: educação especial, ajustamento emocional, educação socioemocional e autorregulação emocional. Dessa forma, foram selecionados materiais que abordassem a temática da psicologia e da educação na língua portuguesa, provenientes de fontes confiáveis.

Na coleta de informações descrita, após a leitura dos resumos foram utilizados 10 artigos, 2 dissertações e 17 livros relevantes ao tema de educação especial e competências socioemocionais. A pesquisa priorizou materiais acadêmicos de qualidade, publicados em português e voltados para a interseção entre psicologia e educação.

Foram selecionados e revisados artigos com foco em educação especial, ajustamento emocional, educação socioemocional e autorregulação emocional. Esses artigos tratam da implementação de programas de competências socioemocionais em contextos escolares, com destaque para alunos com necessidades especiais.

Trabalhos acadêmicos de mestrado e doutorado, com abordagens profundas sobre a educação inclusiva e o desenvolvimento socioemocional em crianças com

deficiências, foram essenciais para proporcionar uma visão detalhada sobre as práticas educacionais e suas implicações emocionais. As dissertações trazem análises contextuais de escolas brasileiras, a adaptação de programas socioemocionais e os desafios enfrentados por educadores.

8 Livros acadêmicos e manuais de autores renomados nas áreas de neurociência, psicologia educacional e educação especial, foram utilizados para fundamentar teoricamente a pesquisa. Essas obras oferecem uma base conceitual sólida sobre como as emoções influenciam o aprendizado, e fornecem metodologias para intervenções no ambiente escolar. Livros de referência como *Neurociência e Educação* de Cosenza (2011) e *Educação Socioemocional* de Alvarenga et al. (2022) foram fundamentais. Esses materiais foram escolhidos com base na confiabilidade das fontes e na sua relevância para o tema, abordando tanto a teoria quanto as práticas aplicáveis na educação especial.

Diante disso, constatou-se que as emoções estão ou podem estar associadas aos processos de aprendizagem dos estudantes, influenciando-os, uma vez que as emoções fazem parte do desenvolvimento biopsicológico único, podendo ser influenciado pelas circunstâncias específicas que a pessoa se encontra.

3 Resultados e Discussões

É essencial identificar os estímulos que desencadeiam emoções em alunos com necessidades especiais. Conforme Possebon (2017), para que uma situação desperte uma emoção, deve haver um Estímulo Emocional Competente (EEC), pois nem todos os acontecimentos provocam uma emoção. O termo EEC, introduzido por Antonio Damásio (2013), refere-se a um ativador emocional que estimula uma resposta no organismo, de acordo com a percepção do indivíduo sobre a situação. Sobre os estímulos emocionais competentes, Martins (2004, p. 65) afirma que “inicialmente, as emoções são provocadas por situações e objetivos concretos [...] mais tarde, ativadores simbólicos, psicológicos e sociais são adicionados aos concretos”.

Dantas (2021) destaca que é no ambiente familiar que o jovem, com ou sem deficiência, enfrenta conflitos e vivencia suas primeiras emoções, começando nos primeiros dias de vida e se aprimorando durante a adolescência e juventude, essenciais para o desenvolvimento biopsicossocial e para a regulação emocional.

Luterman (1987) menciona que ao receberem o diagnóstico de deficiência dos filhos, os pais enfrentam angústia, ansiedade e descompensação emocional. Esses sentimentos fazem parte do processo de aceitação e precisam ser vividos de forma adequada e no tempo certo; caso contrário, pode ocorrer o abandono dos filhos. A educação emocional pode ajudar esses pais a compreender e redefinir suas emoções. Casassus (2009, p. 42) afirma que “a maioria dos problemas dos indivíduos na atualidade são de ordem emocional e não cognitiva”.

Outro fator provocador de emoções nos pais de estudantes com necessidades especiais, conforme Dantas (2021), é a exclusão escolar. Por muitos anos, esses alunos ficaram confinados em casa, limitados ao convívio familiar, resultando em invisibilidade social e falta de acesso à educação. Embora essa realidade tenha mudado significativamente, ainda há resquícios sociais e psicológicos desse período de privação. A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) contestou a falta de acesso à educação formal e promoveu a inclusão escolar de estudantes com necessidades especiais, como deficientes, superdotados, e pessoas com paralisia cerebral. A escola tornou-se um espaço de identidade, desenvolvimento pessoal, socialização e construção de redes de apoio.

Através da educação, pessoas com necessidades especiais podem compreender suas identidades e desenvolver habilidades essenciais para uma vida autônoma. A escola deve oferecer uma educação de qualidade, reconhecendo sua função social na luta contra a invisibilidade e vulnerabilidade desse grupo. Segundo Dantas (2021), pesquisas mostram que, apesar dos desafios na escola regular, esta deve ser um ambiente acolhedor, onde ocorrem boas relações e respeito. Alunos com necessidades especiais muitas vezes se sentem desprotegidos e estigmatizados por não se encaixarem no modelo de aprendizado predominante.

Mantoan (2008) argumenta que, quando alunos com necessidades especiais percebem que os outros têm uma visão limitante sobre seu sucesso escolar e

profissional, mecanismos que poderiam ajudá-los a superar essas barreiras são inibidos. Desafios relacionados à autoimagem e autoestima estão frequentemente ligados às emoções. Worrell (2010) afirma que a base para uma vida autônoma é acreditar em si mesmo e em suas capacidades, resistindo às limitações impostas pelas relações de poder.

Um ensino baseado na educação emocional é crucial para entender as emoções dos alunos com necessidades especiais, evitando que se manifestem de forma patológica. A escola deve desenvolver aspectos afetivos e emocionais além dos conteúdos científicos e técnicos. Arândiga (2015) sugere um currículo que inclua o desenvolvimento de conteúdos emocionais com objetivos, atividades, metodologia e critérios de avaliação correspondentes, possibilitando o desenvolvimento emocional de todos os estudantes.

A escola precisa de metodologias que conduzam os alunos ao autoconhecimento e à compreensão de suas emoções. Compreender como as emoções influenciam a aprendizagem pode ajudar os alunos a superar barreiras, visto que a educação emocional é uma forma de prevenção de fatores de risco. Assim, ao identificar os estímulos que conduzem a determinadas emoções, as pessoas com necessidades especiais podem avaliar, compreender e redefinir como lidar com essas emoções, contribuindo para enfrentar situações difíceis e alcançar autonomia e independência.

Nesse contexto, o desenvolvimento das habilidades socioemocionais na educação especial, abordando como a capacidade do indivíduo de avaliar e identificar a habilidade mais adequada para cada situação vivida dentro e fora da escola. Através da educação emocional, o aluno consegue reconhecer melhor suas próprias emoções e as dos outros, estabelecendo relações interpessoais mais saudáveis.

Coelho (2016) afirma que a Educação Socioemocional, anteriormente chamada de Educação Emocional, refere-se ao processo de ensinar habilidades essenciais para o reconhecimento e controle das emoções, além de promover relações mais empáticas e atenciosas, funciona como um facilitador das relações

interpessoais, permitindo que a escola vá além da simples transmissão de informações e se torne mais formativa, ultrapassando o ensino disciplinar.

A escola pode focar apenas na formação acadêmica e no desempenho escolar, mas seria mais benéfico se buscasse desenvolver a inteligência emocional dos alunos, promovendo relações interpessoais mais saudáveis e aprendizagens mais significativas. Pessoas que reconhecem suas emoções têm maior capacidade de enfrentar as situações cotidianas, alcançando melhor qualidade de vida e melhores relações interpessoais. Assim, a implementação da educação socioemocional nas escolas pode promover uma maior qualidade de vida e possibilitar uma compreensão mais integral dos alunos.

De acordo com Fuentes et al. (2010), o processamento das emoções pode ocorrer em diferentes regiões do cérebro, envolvendo estruturas cerebrais através de funções conscientes ou por meio de estruturas neurobiológicas, utilizando respostas periféricas. O sistema neural, composto pelo sistema límbico, especialmente a amígdala, o hipotálamo e o sistema dopaminérgico, é fundamental para o reconhecimento e a expressão das emoções. Os autores afirmam que identificar expressões faciais e emocionais é crucial para que as pessoas tenham atitudes condizentes com a sociedade, possibilitando uma melhor comunicação interpessoal. Surge, então, a necessidade de reconhecer a Educação Socioemocional como um método de ensino para possibilitar o gerenciamento das emoções e a formação integral dos alunos.

Segundo Goleman (2001), a Educação Socioemocional expande o entendimento sobre a escola, vendo-a como um local onde os alunos adquirem conhecimentos fundamentais para toda a vida. Esse processo deve ser contínuo, começando na família, passando pela escola e se estendendo ao longo da vida. Dessa forma, a pessoa educada emocionalmente consegue lidar com as emoções, desenvolvendo suas potencialidades e alcançando uma maior qualidade de vida. A educação socioemocional amplia os relacionamentos, aumenta o afeto interpessoal, promove a cooperação e favorece o senso de coletividade.

Para Rêgo e Rocha (2009), ser emocionalmente inteligente significa identificar as próprias emoções e reconhecer as emoções dos outros,

compreendendo sua intensidade, causas e consequências. Um indivíduo emocionalmente inteligente é capaz de controlar suas emoções por estar consciente delas. Na educação socioemocional, é possível aprender quando, como e onde expressar os sentimentos, entendendo como eles podem influenciar outras pessoas e assumindo responsabilidade por suas consequências.

Assim, os resultados da pesquisa mostram que ser emocionalmente inteligente envolve uma série de habilidades fundamentais que afetam o desenvolvimento e o ajustamento no ambiente escolar, especialmente na educação socioemocional. Os principais resultados incluem: identificação e reconhecimento emocional, pois indivíduos emocionalmente inteligentes conseguem identificar suas próprias emoções e reconhecer as emoções dos outros. Eles compreendem não apenas os sentimentos, mas também sua intensidade, causas e consequências. Isso permite que as pessoas se tornem mais conscientes de seus estados emocionais e dos outros ao seu redor, promovendo uma melhor interação social.

Controle emocional, que é uma habilidade central na inteligência emocional. Aqueles que são emocionalmente inteligentes conseguem regular suas emoções de forma eficaz, o que é especialmente importante em contextos educativos. Esse controle facilita o enfrentamento de situações desafiadoras e ajuda a evitar reações impulsivas, beneficiando tanto o aprendizado quanto o relacionamento entre alunos e professores.

E, expressão responsável das emoções, pois na educação socioemocional, os alunos podem aprender quando, como e onde expressar suas emoções de forma apropriada. Isso inclui entender o impacto de suas emoções nas outras pessoas e assumir a responsabilidade pelas consequências de suas ações. A capacidade de gerenciar essa expressão emocional contribui para um ambiente escolar mais harmonioso e produtivo, melhorando o desempenho acadêmico e social.

Esses achados destacam a importância de desenvolver competências emocionais no contexto educacional, especialmente entre alunos com necessidades especiais, onde a inteligência emocional pode promover um melhor ajustamento emocional e acadêmico.

3.1 A importância de reconhecer as emoções no processo de aprendizagem

13

Ao discutir a relação entre emoções e inteligência, ressaltando a importância do afeto no desenvolvimento cognitivo e emocional, percebe-se que a inteligência emocional envolve a habilidade de identificar, controlar e expressar emoções de maneira consciente e responsável. Isso reflete diretamente no ambiente educacional, onde a educação socioemocional capacita os alunos a entender e gerenciar suas emoções, sendo fundamental para um melhor desempenho escolar e social.

Piaget argumenta que sem afeto não haveria motivação, interesses ou necessidades. Embora o afeto seja fundamental para o funcionamento da inteligência, Piaget ressalta que não é suficiente por si só para a constituição plena da inteligência. É necessário um equilíbrio entre afeto e os processos cognitivos.

Dessa forma, além de ser essencial para a inteligência, o afeto pode ser gerenciado através do desenvolvimento de competências socioemocionais. Alunos emocionalmente inteligentes conseguem utilizar suas emoções de forma produtiva, motivando-se e criando condições favoráveis para o aprendizado e a resolução de problemas. Em suma, o afeto não só é a base da inteligência, como também pode ser cultivado para potencializar o desempenho intelectual e a convivência social no ambiente educacional.

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (Piaget, 1962/1994, p.129)

Emoção “é uma experiência subjetiva acompanhada de manifestações fisiológicas (respostas autonômicas, comandadas pelo sistema nervoso central - SNC) e comportamentais detectáveis (respostas motoras)” (Lent, 2010, p. 715, 717), tais como “aumento do estado de alerta, desassossego, dilatação da pupila, sudorese, lacrimejamento, alteração da expressão facial, entre outras” (Cosenza;

Guerra, 2011, p. 76). O que facilita sua análise por meio dos métodos da neurociência.

Como descrito por Fonseca (2016), as emoções oferecem o apoio essencial, afetivo e indispensável às funções cognitivas e executivas da aprendizagem, que são responsáveis pelas formas mais humanas de processamento de informações, incluindo as verbais e simbólicas.

Na visão de Lent (2010, p. 714), “as emoções negativas são mais conhecidas do que as positivas, talvez porque sejam mais ricas em manifestações fisiológicas”. E podem ser classificadas por “valência (positiva e negativa) e ainda por três grupos: primárias ou básicas, secundárias e de fundo” (Lent, 2010, p. 716).

Conforme demonstrado por Pereira et al. (2013), as emoções básicas têm sua origem nos circuitos neurais do sistema límbico, sendo a amígdala e o cíngulo os principais ativadores. Essas emoções são inatas e não estão condicionadas por influências sociais ou culturais, sendo características universais a todos os indivíduos. Em contrapartida, as emoções secundárias são moldadas pelo contexto social e cultural, sendo aprendidas ao longo da vida. Através delas, o indivíduo decide aderir ou não às normas de comportamento estabelecidas pela sociedade em diferentes tempos e lugares históricos. Por fim, segundo a visão de Lent (2010), as emoções de fundo referem-se a estados gerais de bem-estar ou mal-estar.

Como ressalta Abrantes (2014), o desencadeamento das emoções também contribui para a formação de memórias, uma vez que, quando há suficiente emoção em uma determinada experiência, somos capazes de registrá-la na memória e de ativá-la posteriormente.

As emoções fazem parte da evolução da espécie humana e, obviamente, constituindo parte fundamental da aprendizagem humana. Sem dispor de funções de autorregulação emocional, a história da humanidade seria um caos, e a aprendizagem um drama indescritível, as emoções tomariam conta das funções cognitivas e os seres humanos só saberiam agir de forma impulsiva, excitável, eufórica, episódica e desplanificada. Eis a razão porque o cérebro humano integra inúmeros e complexos processos neuronais de produção e regulação das respostas emocionais (Fonseca, 2016, p. 35).

Regiões específicas nas áreas límbicas basais do cérebro determinam a relevância de uma informação e decidem de forma subconsciente se ela será armazenada como uma memória sensível ou suprimida. Conforme demonstrado por Fonseca (2016), em contextos de ameaça, opressão, vexame, humilhação ou desvalorização, o sistema límbico, situado no centro do cérebro, inibe o funcionamento das áreas corticais superiores, prejudicando as funções cognitivas de entrada, integração, planejamento, execução e saída. Essas funções são fundamentais para o acesso a aprendizagens simbólicas e para a resolução de problemas complexos característicos da espécie humana.

3.2 Contribuições da neurociência para a aprendizagem de todos os alunos

Neurociência aborda estudos sobre neurônios e as moléculas que o constituem, além dos órgãos do sistema nervoso e suas funções, assim como as funções cognitivas e o comportamento resultantes da atividade dessas estruturas. Cosenza e Guerra (2011), dizem que diante do desenvolvimento e aprimoramento de técnicas de neuroimagem, eletrofisiologia, neurobiologia molecular, além das descobertas no campo da genética e da neurociência cognitiva, o conhecimento neurocientífico tem crescido significativamente nos últimos anos.

Conforme Ventura (2010), a neurociência abrange o estudo do controle neural das funções vegetativas, sensoriais e motoras; dos comportamentos de locomoção, reprodução e alimentação; e dos mecanismos da atenção, memória, aprendizagem, emoção, linguagem e comunicação.

Para neurociência as competências mais exigidas em nível cerebral na aprendizagem humana são classificadas como cognitivas, técnicas, relacionais e emocionais, de acordo com Pereira et al. (2013). Diante da amplitude terminológica, as neurociências podem ser entendidas como uma combinação de disciplinas que se dedicam ao estudo do cérebro, tratando mais especificamente de seu desenvolvimento químico, estrutural, funcional e patológico.

Para Portes (2015), as neurociências, podem ainda, ser compreendidas como um conjunto de ciências cujo objetivo é investigar tanto o sistema nervoso e seu

funcionamento, assim como as relações entre a atividade cerebral, comportamento e aprendizagem. Neurociências referem-se, portanto, a campos científicos e áreas de conhecimento diversos, sem necessariamente terem interesses, enfoques ou métodos homogêneos.

Segundo Pereira et al. (2013), sob a perspectiva das neurociências, três tipos de memória estão envolvidos na aprendizagem das diferentes competências: memória semântica e episódica, memória procedimental e memória emocional. As “lembranças que temos dos eventos de nossa vida pessoal tornam-se possíveis graças à memória episódica, enquanto a memória semântica é responsável pelas lembranças das coisas que nos rodeiam” (Cosenza, 2011).

Conforme mencionado por Pereira et al. (2013), competências técnicas relacionadas ao saber-fazer e habilidades são baseadas na memória procedimental. Os circuitos neuronais desses tipos de memória estão localizados no hipocampo e no córtex pré-frontal. Como descrito por Cosenza (2011) e Pereira et al. (2013), se ocorrer a remoção ou lesão dessas estruturas, o indivíduo será capaz de realizar ações rotineiras ou repetitivas, mas se tornará incapaz de adquirir novas cognições.

O processo de adquirir novas informações que podem ser armazenadas na memória, denominado aprendizado, está intrinsicamente ligado a capacidade de arquivamento seletivo das informações na memória. Lent, (2011) diz que a memória permite evocar essas informações quando desejado, seja de forma consciente ou inconsciente.

Como relatado por Portes (2015), memória refere-se ao processo de retenção da aprendizagem, que pode ser posteriormente evocada, e abrange diversas subdivisões: a memória operacional ou de trabalho, responsável pelos registros transitórios que, posteriormente, são transformados em memórias definitivas e armazenados na memória de longo prazo. Já a aprendizagem, de acordo com Carvalho (2010), requer competências para lidar de maneira organizada com informações novas ou já armazenadas no cérebro, visando realizar novas ações.

O sono desempenha uma função essencial na aprendizagem. Durante esse período, ocorrem processos eletrofisiológicos e moleculares que promovem a formação de sinapses mais duradouras. Conforme mencionado por Cosenza e

Guerra (2011), pode-se dizer que o cérebro, durante o sono, revisita as experiências vividas e as informações assimiladas durante o estado de vigília, fortalecendo as conexões sinápticas cruciais para os comportamentos diários do indivíduo. Ou seja, durante o sono, o cérebro reestrutura suas sinapses, eliminando aquelas que estão inativas e fortalecendo as que são essenciais.

A Neurociência, que investiga cientificamente o cérebro, destaca a plasticidade cerebral como a capacidade deste se reorganizar em resposta ao aprendizado do ambiente em que está inserido. Lent (2010) descreve que o ambiente influencia a modificação da estrutura do sistema nervoso, possibilitando a construção de novas conexões neurais ao longo da vida.

As neurociências têm demonstrado que os processos cognitivos e emocionais são profundamente interconectados. Cosenza e Guerra (2011) explicam que as emoções possuem raízes biológicas antigas e foram mantidas ao longo da evolução devido à sua importância para a sobrevivência das espécies e dos indivíduos.

A emoção dirige, conduz e guia a cognição, não se pode compreender a aprendizagem sem reconhecer o papel dela em tão importante função adaptativa humana. A interdependência da emoção e da cognição no cérebro é demonstrada pelas novas tecnologias de imagiologia do nosso órgão de aprendizagem e de interação social (Fonseca, 2016).

Fonseca (2016) ressalta a relação entre emoção e cognição, destacando que a emoção não apenas influencia, mas também orienta e direciona o processo cognitivo. Isso significa que a aprendizagem, sendo uma das funções adaptativas mais importantes do ser humano, não pode ser completamente entendida sem considerar o papel essencial das emoções. Emoções, como motivação, curiosidade e até ansiedade, têm impacto direto na forma como absorvemos, processamos e utilizamos o conhecimento.

As novas tecnologias de imagiologia cerebral, como ressonâncias magnéticas e tomografias, têm sido fundamentais para demonstrar essa interdependência. Ao analisar o funcionamento do cérebro durante processos de aprendizagem e interação social, fica evidente que as áreas cerebrais envolvidas nas emoções estão diretamente conectadas com aquelas responsáveis pelas funções cognitivas, como

memória, atenção e tomada de decisão. Assim, a emoção é um elemento indispensável para a cognição e, portanto, para a educação. Ignorar essa conexão na prática educativa seria limitar o potencial completo de desenvolvimento dos estudantes.

Como explicado por Ramos (2014), a Neurociência torna-se fundamental para a compreensão da aprendizagem e da memória. Aprendizagem e desenvolvimento humanos são processos resultantes da atividade cerebral, ou seja, do sistema nervoso. Assim, os estudos sobre aprendizagem unem profundamente Educação e Neurociências.

Conforme observado por Fernandes et al. (2015), do ponto de vista biofisiológico, a aprendizagem está associada ao prazer, à liberação de neurotransmissores como a serotonina, à memória, à atenção voluntária focada e ao significado do que está sendo aprendido. Pereira et al. (2013), apontam que as neurociências têm buscado explicações que integrem o social e o biológico, reforçando que vivências intensas e significativas no processo de aprendizagem não apenas transformam, mas também criam e recriam conexões cerebrais em qualquer fase da vida humana.

Segundo a análise de Fonseca (2016), a aprendizagem bem-sucedida envolve três componentes em interação sistemática: regulação emocional, conhecimento consciente e estratégias cognitivas. A falta de integração entre esses componentes torna a aplicação consciente da aprendizagem complicada, como observado em casos patológicos com lesões no córtex pré-frontal ventromedial, o que sugere que o cérebro humano possui várias áreas que conectam o conhecimento às emoções.

Com os avanços da Neurociência e o conhecimento resultante dessa área, abre-se a oportunidade de promover um diálogo colaborativo com a educação. A educação, centrada no processo de aprendizagem, é examinada com base nas características estruturais e funcionais do sistema nervoso, especialmente do cérebro. Contudo, é fundamental esclarecer que esses conhecimentos não representam uma proposta pedagógica nova nem garantem soluções definitivas para os desafios da aprendizagem.

Em vez disso, podem contribuir para fundamentar práticas pedagógicas já estabelecidas com sucesso e sugerir ideias para intervenções. Isso demonstra que estratégias pedagógicas alinhadas com os princípios de funcionamento do cérebro tendem a ser mais eficazes. Como descrito por Cosenza; Guerra (2011), os progressos das neurociências possibilitam uma abordagem mais científica do processo de ensino-aprendizagem, baseada na compreensão dos processos cognitivos envolvidos.

19

Portanto, é importante enfatizar que as contribuições da neurociência são de grande relevância, mas a implementação de métodos de ensino e aprendizagem continua sendo responsabilidade do educador. A eficácia das práticas pedagógicas em sala de aula pode ser significativamente aprimorada quando o educador compreende o funcionamento cerebral.

Além do foco no educando, é essencial também considerar o educador, que desempenha um papel transformador na vida dos alunos e cujo bem-estar emocional também necessita de cuidados. Para que o professor consiga ensinar seus alunos a prática da regulação emocional, precisa primeiro aprender a lidar com suas próprias emoções. Alvarenga (2022) argumenta que compreender o processo de aprendizagem emocional ajuda o professor a formar cidadãos críticos e emocionalmente equilibrados, em uma sala de aula que prepara para a vida. Sendo o local onde o aluno enfrenta conflitos, frustrações e regras de convivência, mas também compartilha momentos significativos e relevantes para o desenvolvimento.

Espera-se que esta pesquisa conduza professores e profissionais da educação a uma compreensão mais profunda das propostas da educação socioemocional no ambiente escolar. É importante que eles analisem a viabilidade de implementar essas propostas e considerem o impacto positivo que podem ter nos currículos acadêmicos. Ao familiarizarem-se com os conceitos e práticas da educação socioemocional, esses educadores podem adquirir conhecimentos essenciais sobre habilidades socioemocionais, o que lhes permitirá reconhecer a importância dessas habilidades na educação especial.

Além disso, é fundamental que eles se conscientizem do papel fundamental que desempenham no desenvolvimento e aprendizado de seus alunos. Com essa

compreensão, os educadores estarão mais preparados para promover um ambiente escolar que não apenas foca no desenvolvimento acadêmico, mas também no bem-estar emocional e social dos estudantes, contribuindo para uma formação integral e mais equilibrada.

4 Considerações finais

20

A busca pelo desenvolvimento integral dos estudantes sempre esteve presente, tanto institucionalmente quanto nos objetivos e ideais de educadores em geral. Ao longo do tempo, essa questão evoluiu paralelamente ao desenvolvimento dos campos de atuação relacionados à educação. Assim, a Educação Socioemocional emerge como uma prática em expansão que visa o bem-estar pessoal e social, destacando-se por ser essencial para o desenvolvimento humano e por suas potencialidades na prevenção e promoção da saúde mental.

Em relação às emoções, que frequentemente são vividas em resposta a essas situações, se as pessoas com deficiência passarem por um processo de educação emocional e aprenderem a lidar com suas emoções de maneira saudável, essas emoções poderão se transformar em uma força para a superação das barreiras.

Portanto, é fundamental que a Educação Emocional seja incorporada ao currículo escolar, não apenas abordando aspectos cognitivos, mas também dimensões afetivas e emocionais que são parte integral do desenvolvimento dos estudantes. Isso proporcionará um olhar mais sensível e inclusivo em relação às diferenças.

A conscientização das emoções possibilita uma vida mais saudável, através do desenvolvimento de competências emocionais e da formação de uma identidade própria. Isso é especialmente crucial para que pessoas com necessidades especiais se percebam como sujeitos de direitos e de valor integral. Além disso, é essencial que o trabalho com as habilidades emocionais se estenda à família dos alunos, pois o ambiente familiar é onde as primeiras vivências emocionais se estabelecem.

Referências

ABRANTES, Pedro. De como escrevemos a vida e a vida se inscreve em nós: um estudo da socialização através da análise de autobiografias. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 126, p. 111-127, mar. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000100007&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 15 jun. 2024.

ALVARENGA, Angélica Maria; COSTA, Hérika Cristina Oliveira; PINHEIRO, Anderson Kley Baumgartner (orgs.). **Educação Socioemocional: desafios e práticas pedagógicas**. Itapiranga, SC: Editora Schreiber, 2022.

ARÁNDIGA, A. V. Los programas de educación emocional en la escuela. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL, 2015, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa, 2015.

BARRETO, João Erivan Façanha; SILVA, Luciane Ponte e. Sistema límbico e as emoções – uma revisão anatômica. **Revista Neurociências**, p. 386-394, 2010. Disponível em: <http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2010/RN1803/426%20revisao.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BECK, Judith S. **Terapia cognitiva: fundamentos e além**. Nova York: The Guilford Press, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 06 jul. 2024.

CASASSUS, J. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO/Liber Editora, 2009.

COELHO, V. A., MARCHANTE, M., SOUZA, V., ROMÃO, A. M. **Programas de intervenção para o desenvolvimento de competências socioemocionais em idade escolar: uma revisão crítica dos enquadramentos SEL e SEAL**. Lisboa: Análise Psicológica, 2016.

COSENZA, Ramon M., GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSENZA, Ramon M. **Fundamentos de Neuroanatomia**. 4. ed. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

DAMÁSIO, A. **Em busca de espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DANTAS, Taísa Caldas. Apontamentos sobre a tristeza em estudantes com deficiência intelectual a partir dos princípios da educação emocional. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 3, p. 1929-1947, jul./set. 2021. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i3.13902>.

DEL PRETTE, A., Del Prette, Z. A. P. **Aprendizagem socioemocional na infância e prevenção da violência**: questões conceituais e metodologia da intervenção. In Del Prette A.; Del Prette, Z. A. P. (Eds). Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção (pp. 83-128). Campinas: Alínea, 2003.

22

FONSECA, Vitor da. **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica**. Revista Psicopedagógica, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2024.

FUENTES, D. Lunardi, L.L.; Malloy-Diniz, F. L.; Rocca, A. C. C. **Reconhecimento de emoções**. In: Malloy-Diniz, L.F.; Fuentes D.; Mattos P.; Abreu N. (orgs.). Avaliação neuropsicológica. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 169-174.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LENT, Robert. **Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociências**. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

MANTOAN, M. T. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARIN, Angela Helena; SILVA, Cecília Tonial; ANDRADE, Erica Isabel Dellatorre; BERNARDES, Jade; FAVA, Débora Cristina. Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. **Revista Brasileira de Terapia Cognitiva**, Rio de Janeiro, vol.13, n.2 jul./dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20170014>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872017000200004. Acesso em: 15 jun. 2024.

PEREIRA, Wilza Rocha et al . Emotional competencies in the process of teaching and learning in nursing, from the perspective of the neurosciences. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 3, p. 663-669, June 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000300663&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2024.

PIAGET, Jean. La relación del afecto com la inteligência en el desarrollo mental del niño. *In*: DELAHANTY G; PERRÉS J. (Eds.). **Piaget y el psicoanálisis**. Xochimilco: Universidad Autónoma Metropolitana, 1994. (Trabalho original publicado em 1962).

PORTES, Daniella Soares. A importância das neurociências na formação do professor de inglês. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 32, n. 98, p. 168-181, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 jun. 2024.

POSSEBON, E. G. **As emoções básicas**: medo, tristeza e raiva. João Pessoa: Libellus, 2017.

SALOVEY, P.; MAYER, J. D. Emotional intelligence. **Imaginattion, Cognittion and Personality**, v. 9, p. 185-211, 1990. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2752805&pid=S1808-5687201700020000400082&lng=pt. Acesso em: 20 jun. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. 1994.

VEENEMA, S.; Gardner, H. Multimedia and multiple intelligences. **American Prospect**, v. 7, n. 29, 69-76, 1996. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2752831&pid=S1808-5687201700020000400095&lng=pt. Acesso em: 10 jun. 2024.

VENTURA, Dora Fix. Um retrato da área de Neurociência e comportamento no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. spe, p. 123-129, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jun. 2024.

ⁱ **Adriane Vidal Vaz**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0413-4501>

Prefeitura do Rio de Janeiro

Professora na Prefeitura do Rio de Janeiro. Mestre em Ensino das Ciências (Unigranrio), Psicóloga (Unisuam), Administradora de Empresas (Sociedade Unificada Augusto Mota), especialização em Neurociência Pedagógica, experiência na área de Educação e Psicologia Cognitivo Comportamental, ênfase em Educação Especial.

Contribuição de autoria: autora principal

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2818591902682555>

E-mail: adriane.vvaz@gmail.com

Editora responsável: Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 8 de setembro de 2024.

Aceito em 30 de setembro de 2024

Publicado em 11 de outubro de 2024

24

Como citar este artigo (ABNT):

VAZ, Adriane Vidal. Competências socioemocionais na educação especial: promovendo a educação emocional. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2024.